



*fernanda takai*

nunca subestime uma mulherzinha

contos e crônicas

2ª impressão



Copyright © 2007 **Fernanda Takai**

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico e ilustração **Andrea Costa Gomes**

Diagramação **Kiki Millan**

Revisão **Cristiane Goulart**

**Vera Lucia Quintanilha**

Os textos que compõem este livro foram publicados nos jornais  
*Estado de Minas* e *Correio Braziliense*.

CIP - Brasil. Catalogação na Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

T142t

Takai, Fernanda

Nunca subestime uma mulherzinha / Fernanda Takai. - 1ª ed.  
São Paulo : Panda Books, 2007.

1. Crônica brasileira. I. Título.

---

07-2392.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.2(81)-8

2008

Todos os direitos reservados à

**Panda Books**

Um selo da Editora Original Ltda.

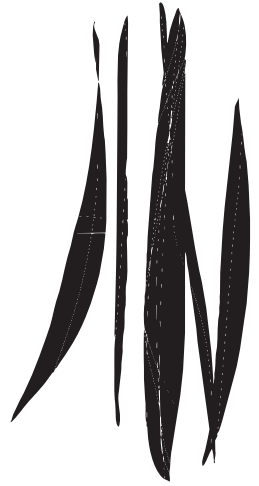
Rua Lisboa, 502

05413-000 - São Paulo - SP

Tel (11) 3088 8444 - Fax (11) 3063 4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br



Para minha mãe Sílvia, a estrelinha da Terra.

Para meu pai Vitório, a estrelinha do Céu.

Para minha filha Nina, estrelinha em formação que um dia vai poder ler este livro sozinha.

Para o querido John, que sempre lê meus textos antes de todo mundo e já me poupou de alguns vexames...

agradecimentos



Aos ouvintes que passaram também a me ler.  
Aos leitores que deram mais uma chance à minha música.  
Aos meus amigos de verdade que conto nos dedos de uma mão.  
Ao Afonso Borges, que me empurrou pro livro sair.  
Ao João Paulo (*Estado de Minas*), Clara (*Correio Braziliense*) e colegas  
dos jornais que me tiveram como companhia compulsória nesses  
dois anos e meio.  
Ao Vitor e Rafael, os melhores irmãos que eu poderia ter.  
Ao Seu Márcio e Dona Lourdes, os melhores sogros do Universo.





prefácio

**Fernanda Takai, toda (em) prosa!**

Quem já tem o privilégio de conhecer o trabalho musical de Fernanda Takai à frente da pra lá de interessante e consistente banda Pato Fu já sabe de algumas coisas das quais ela é capaz de realizar e surpreender. Mas, desta vez, talvez eu traga ainda outras boas-novas a respeito de seus dotes e novidades.

Sou admiradora e seguidora dos caminhos do Pato Fu desde sempre, desde que os vi dando uma volta olímpica num palco, após ganharem, merecidíssimamente, um prêmio de música. Aquilo me encheu de ternura. Hoje, me considero amiga da família Takai/Ulhôa e só faço constatar cada vez mais nossas afinidades e qualidade dos nossos encontros que são poucos, devido às milhares de atribuições que temos. Mas a assiduidade é completamente desproporcional ao prazer de estarmos juntos, sempre desfrutando de um bom prato e botando a prosa em dia.

Da última vez, em BH, fui incumbida (honra pra mim!) de ser a mensageira dessa alegria literária na vida de Fernandinha. Ela resolveu colocar em crônicas suas observações desconcertantemente simples e sofisticadas, com pitadas autobiográficas, desse nosso mundo tão atravancado. Fernanda lança aqui um olhar através de uma lente primordialmente humana e nos convida a sorrir das nossas idiossincrasias e a tirar de cada fato uma ferramenta a mais para o próximo passo.

Fernanda faz parte do seletor e indispensável grupo de pessoas que acredita e trabalha pro mundo dar certo. Seu olhar sobre as coisas está sempre direcionado para esse objetivo: fazer essa geringonça funcionar mais decentemente! O micro, que constrói o macro, que pode valer a pena. E vejo aqui minha amiga sendo uma contadora de “causos” da melhor qualidade, alguém que não tira os olhos do que há de humano em nós e talvez por isso tenha esse potencial enorme de nos emocionar, ou fazer sorrir, ou pensar melhor sobre algumas coisas para as quais não reservamos muito tempo, no meio desse corre-corre desvairado pra lugar nenhum que esse tempo impõe.

8 Tudo isso eu experimentei durante uma eletrizante turnê internacional com Os Mutantes. Nas eternas horas de espera dos aeroportos, muitas vezes depois de ser interpelada pelas alfândegas nervosas dos gringos, me sentava, pegava a pastinha que me foi cuidadosamente entregue em mãos pela autora e me salvava de estar ali, como num oásis no meio do deserto inclemente! E fui sendo gradativamente envolvida por essa leitura. Como na descrição da comovente relação com os avós, na qual somos levados pela mão, até aqueles cenários que temos vontade de ficar perto, pois em algum ponto nos identificamos também. Afinal, os sentimentos são comuns aos seres humanos, seja aqui ou no misterioso e belo Japão!



Entre o sumiço de Totó e a lembrança precisa dos amiguinhos de escola, Fernanda, talvez quase sem querer, vai se tornando extremamente confessional e profunda, passando também pela arrebatadora experiência de ser mãe. E lá vamos nós com ela, numa montanha-russa de sentimentos nem sempre alegres, mas invariavelmente relevantes, mesmo que por sua absoluta leveza.

Por meio da música, das atitudes, dos sorrisos, das levezas, das firmezas nas horas necessárias e, agora, das palavras em prosa, Fernanda Takai vai construindo um caminho firme e certo em direção a uma coisa tão boa que nem sei direito o nome que tem... mas, afinal, deve ser amor. Isso! Ela joga um monte de amor e talento em tudo o que faz. E BINGO! Acerta no alvo!

Zélia Duncan

PS1 – Ah, Fernanda, eu também adoro os Carpenters!!!

PS2 – De dentro do avião, de Londres pro Rio de Janeiro, reviso esse meu texto e suas palavras me dão ainda mais vontade e alegria em voltar pra casa. Arigatô!





## sumário

### **coisas que talvez tenham acontecido**

pág. 12 - 37

- 14. Carlinhos e o pente
- 17. Mais um, por favor?
- 19. O que se deve usar por baixo
- 23. A moça pequenina que ninguém vê
- 26. Pra não chamar a atenção...
- 29. Alguém vai notar
- 32. E o barquinho vai...
- 35. Nome de gente

### **coisas que aconteceram**

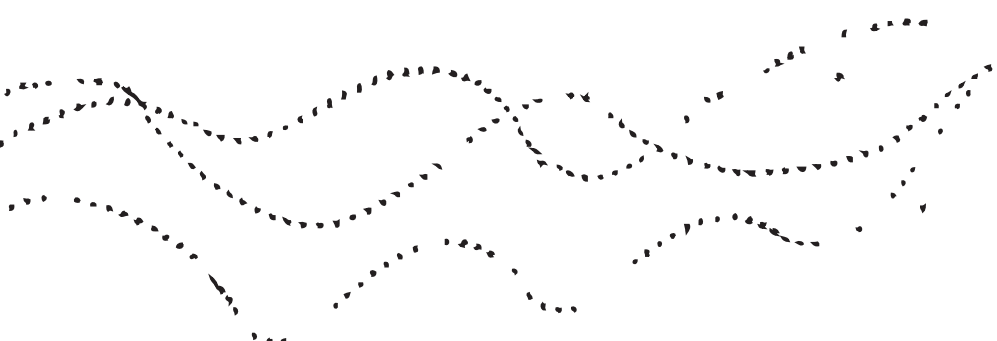
pág. 38 - 55

- 40. Você é menina ou menino?
- 43. Entre irmãos
- 47. Meus avós japoneses
- 50. Encontro de turma
- 53. Procura-se uma professora de violão

### **coisas que fazem barulho**

pág. 56 - 69

- 58. A cricrítica e os mumúsicos
- 61. Esta bagagem é sua, senhora?
- 65. Sincronicidade
- 68. Tesouro em caixa de papelão



### **coisas que ninguém sabia**

pág. 70 - 95

- 72. Analfabeta bilíngüe com terceiro grau completo
- 74. As misteriosas palavras no papel higiênico
- 77. Aristóteles e Danuza
- 80. Ela se move por caminhos misteriosos
- 83. Minha vida em quadrinhos
- 86. Vida privada
- 88. Férias de chuva
- 91. Tudo o que não me permiti sonhar
- 93. Memórias instantâneas de capa dura

### **coisas que são raras**

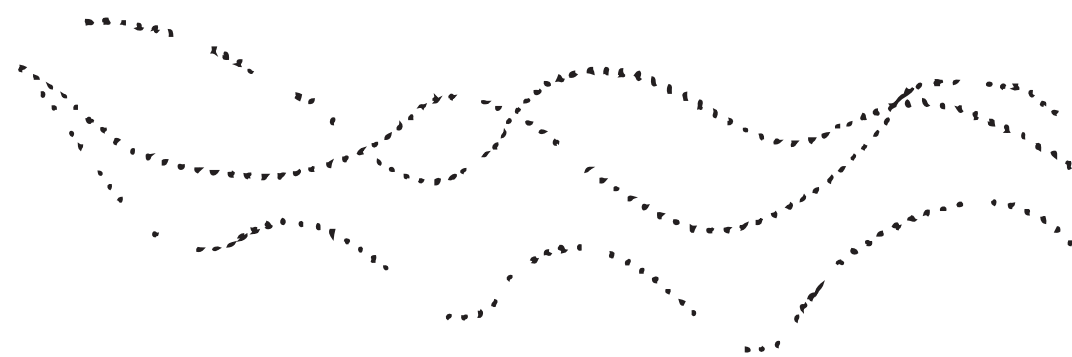
pág. 96 - 109

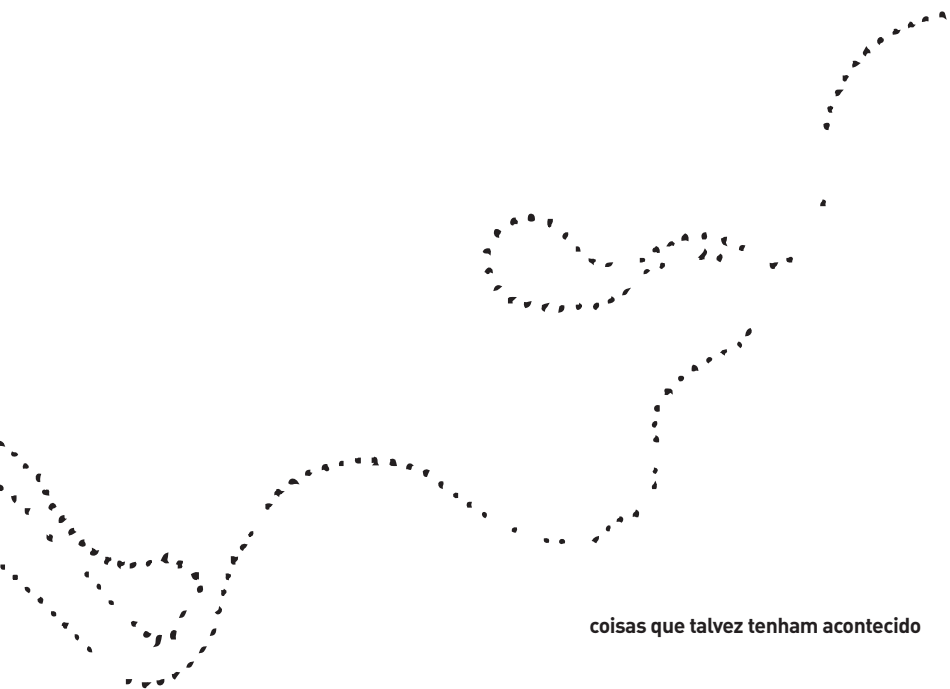
- 98. É duro ser...
- 100. Nunca subestime uma mulherzinha
- 102. *Superstar* não era o bastante
- 105. Oi, Mauricio!
- 108. Lady África

### **coisas que nem sei**

pág. 110 - 135

- 112. Na caçambinha do jipe
- 115. Tosse de cachorro
- 118. Mais delicadeza, por favor!
- 121. Eu sei votar?
- 123. O movimento opcional dos sem-copa
- 125. Falha humana ou do sistema?
- 128. Vamos resolver isso amanhã, tá?
- 130. O Rio imperfeito
- 133. As pessoas não suportam a diferença





coisas que talvez tenham acontecido

Quando bebê, Carlinhos era do tipo de neném carequinha. Ganhou umas três escovas de cabelo. Uma de cada cor. A penugem foi crescendo e aos dois anos ele percebeu que tinha algum cabelo, afinal. Não quis usar nenhuma das escovas. Apegou-se de tal jeito a um pente encontrado numa gaveta de casa que o levava pra todo lugar. Menino, esse pente é velho, sua mãe avisava. Ei, garoto! Eu compro um novo pra você, dizia o pai. Num precisa, eu gosto desse mesmo – o menininho sorria.

A maior alegria de Carlinhos era sair do banho e ir pro espelho pentear-se. Cuidadosamente repartia o cabelo fininho e mandava os fios pra lá e pra cá, até ficar impecavelmente arrumado. Nem gostava de brincar no recreio pra não desmanchar a cabeleira. Adorava receber elogios das tias: nossa, que rapazinho mais garboso!

Descobriu o gel na pré-adolescência e foi um contentamento só. Agora o penteado vai durar mais, ele comemorava. E o pente sempre lá. No bolso da camisa de botão. No bolso da calça jeans. E quando não tinha bolso, ia dentro da meia mesmo, roçando as canelas. Quando não tinha nem meias, ele não saía de casa. Não sem o pente.

Faltou ao primeiro encontro com a namoradinha da escola porque o pente sumiu bem na hora que ia sair correndo pro ponto de ônibus. Mãe, cadê meu pente? Pai, você viu? Gente, se meu pente não aparecer eu não vou. Que é isso, moleque? A menina tá lá te esperando na frente do cinema. E ele não foi. Horas depois

encontrou o pente caído num canto escuro do banheiro. A sorte é que a menina gostava muito dele e marcou um outro cineminha. Ela estranhou aquela estória toda logo de início, mas no fim nem ligava mais. Péra aí que eu vou ali me pentear, viu? Viu tanto que até se casou com ele, anos depois.

O jovem Carlinhos um dia comprou um carro e sua maior satisfação era virar o espelho retrovisor, sacar o pente do bolso e dar aquele trato no visual. Ele se perdia naquele gesto e a buzina dos carros de trás sempre o acordava. Vamos lá! O sinal abriu! Calma gente, já vai. Ele colocava a cabeça pra fora, sorrindo. Nem um pingão de preocupação. Desde que estivesse penteado e feliz...

Certa noite, depois de passar o pente amigo pelos cabelos, percebeu que ele tinha ficado cheio de fios... Ué? Deixou pra lá. Na semana seguinte, depois do banho, antes de se arrumar, reparou no ralo cabeludo... Ué? Penteou-se uma vez mais e lá vinham outros fios presos ao pente. Sim, ainda aquele mesmo, que tinha sido do pai dele. Ué? Dois anos depois Carlinhos tinha ficado quase careca, mas continuava a carregar o objeto amigo, como se fosse uma parte do corpo. Penteava com orgulho os cabelos que resistiam firme.

Numa dessas tardes de domingo, viu um programa de calouros em que um moço tocava várias canções com um pente. Deu algumas risadas, sacou o pente do bolso e foi pra varanda do apartamento tentar fazer o mesmo. Sim! Ele conseguia. E o pente seguiu cumprindo sua nova função.

Carlinhos teve um filho. Melhor dizendo, seu Carlos virou papai. Além do nascimento ter sido um grande acontecimento na vida dele, veio de bônus um bebê cabeludíssimo. Ahhhh! E seu Carlos passou a se divertir penteando bonitinho o cabelo do menino. Um dia este pente vai ser seu! E o menino retribuía com um abraço o carinho do pai.

O filho de seu Carlos completou sete anos e ganhou de presente o pente que vinha atravessando gerações. Nem ligou pra ele. O garoto não queria saber de arrumação. Pegou piolho algumas vezes na escola e teve que raspar o cabelo bem curtinho. Depois, quando ficou maior, queria ser cabeludão. Do tipo que não penteia cabelo de jeito nenhum. Seu Carlos acompanhava aquelas fases todas com desgosto. Que pena! Quanto potencial desperdiçado...

O pente? Sumiu. Ou quebrou. Ninguém soube dizer.

Muitos anos mais tarde, sentado numa cadeira da casa de praia, vovô Carlos exclamou apontando para as nuvens: meu pente! Achei! E suavemente nele tocou a sua música favorita enquanto ia embora deste mundo.

23 03 07

